

A Casa Tombada / Faconnect

TCC para a pós-graduação lato sensu

O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação contemporâneos

cartoteca da infância

e seus criacionismos enigmáticos:


conversas com as crianças que somos através de colagens.



adriana & peliano

Brasília / DF

2022



“Fagulhas de infância persistem quando o menino ou a menina são homem e mulher adultos. A infância volta às vezes de dia, mas é mais comum que volte à noite.”

Virgínia Wolf

cartoteca da infância

Buscando uma maior compreensão sobre a presença da infância na minha própria produção artística, pesquisei diferentes visões da infância que não a limitassem a uma etapa cronológica da vida, mas afirmassem uma potência de criação e transformação. Nesse percurso destaquei a infância como devir e segui pela estrada da criança interior na psicologia analítica de C. G. Jung e dos devaneios da infância para o filósofo Gaston Bachelard. Essas ideias ganharam corpo na minha prática do método de SoulCollage®, que propõe, por meio da criação de uma coleção de cartas através de colagens, a experiência de uma maior liberdade criativa e o acesso ao inconsciente e ao mundo interior. Desenvolvi nesse percurso o projeto de uma oficina de criação de textos e imagens chamada *Cartoteca da infância* aberta para todos os adultos que queiram dar vida e voz às crianças que nos habitam.

Palavras-chave: infância; colagem; processo criativo.

Sumário

Para começo de conversa.....	7
Minha primeira colagem	10
Quando eu conheci a SoulCollage®	12
Procurando a infância	23
A criança interior	28
A infância em devaneios.....	30
O princípio da colagem	36
Alice em figuras e diálogos	39
Saiba mais sobre a SoulCollage®.....	44
Referências bibliográficas.....	52
Folder para oficina de <i>Cartoteca da infância</i>	55

Cartas

O menino enigmático: 5. O laboratório de invenções: 13. A maluquista: 21. A invencionauta: 22. Alicis Azulis: 24. A defensora: 26. A flautista de Amarelim: 27. Amagiza de Oz: 33. O olho do infinito: 34. A chamariz: 35. O guardião da floresta: 48. As sombras são: 49. Vitaminas da Alma: 50. Silencia: 51.

O Menino Enigmático



Quem é você?

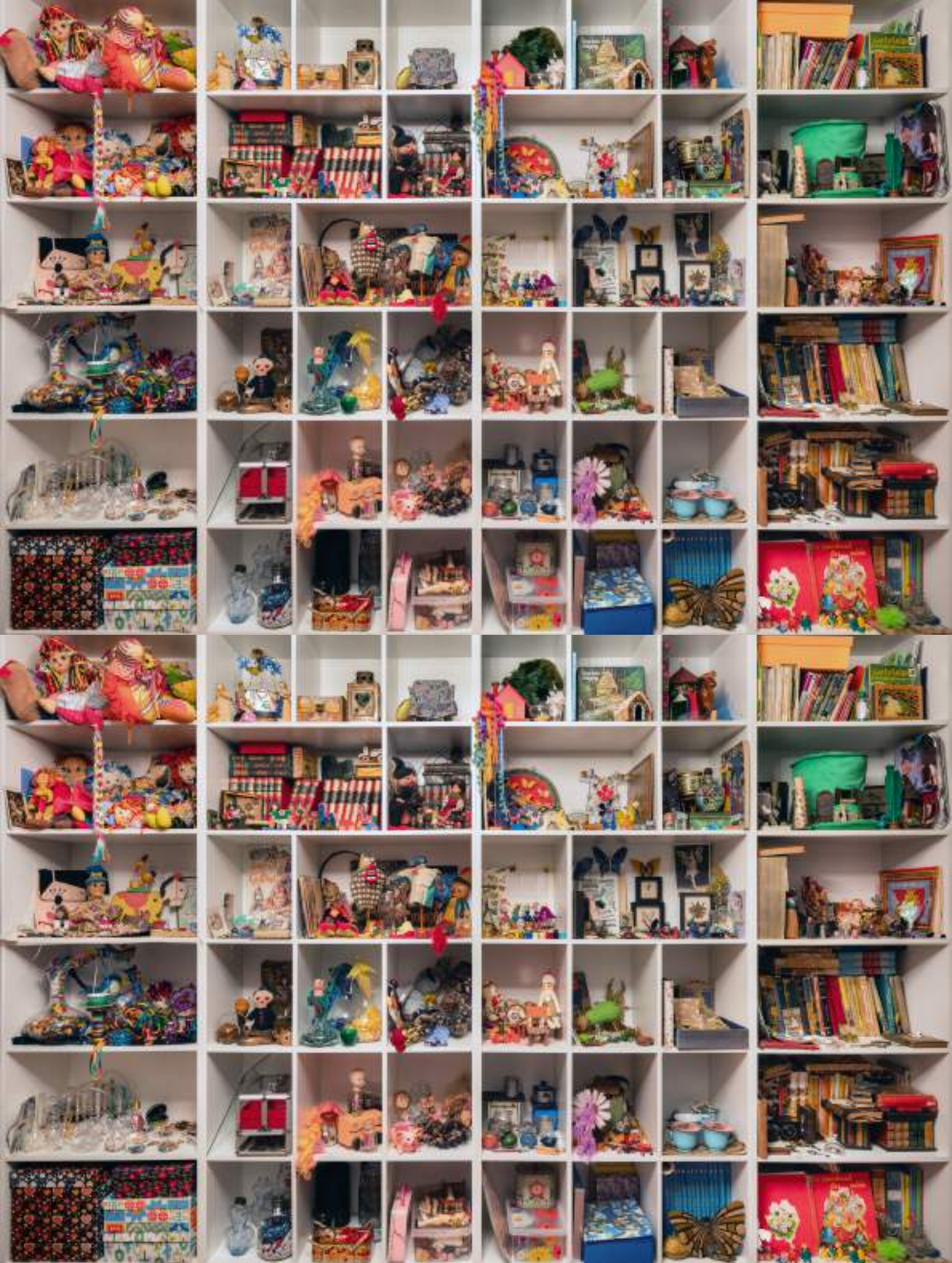
Semente de mundos e contador de histórias dos casulos do multiverso. Eu sou o menino enigmático. Eu te levo para além da imaginação e conheço todas as histórias que foram criadas e outras que ainda estão para serem inventadas.

O que você quer me mostrar?

Quero te mostrar uma massa magicósmica e um caleidoscópio onírico com fractais de metamorflores, borboletas e psicodelícias, onde fervilham histórias de mundos distantes e histórias que estão bem aí na frente do seu nariz. Só não o percebes pois ainda não despertou para ver com infinitos olhos.

Que presente você tem para mim?

Eu te dou um espelho do invisível.



Meu Gabinete de Curiosidades. Foto: Gui Gomes, 2018.

cartoteca da infância



Minha Casa - atelier. Foto: Danilo Barros, c. 2014.

[Minha casa \(Video\)](#)

Para começo de conversa

Na aventura de amplificar o diálogo com a minha própria infância, resolvi investigar as infâncias que resistem e insistem na vida adulta. Ela está presente nas minhas criações e coleções, nos mergulhos com Alice em uma casa - atelier - toca do coelho habitada por bonecas, brinquedos e livros infantis, nos trabalhos que realizo como artista, designer e ilustradora. Comecei a mirabolar uma maneira de me aproximar dessa presença enigmática e dar voz a essa infância imaginária e imaginante. Conversar com ela, descobrir seus nomes, inventar novas brincadeiras.

A possibilidade que encontrei para esse encontro, encantadora e potente, é acessível a todos. Comecei a criar o que chamei de uma *Cartoteca da infância* através de colagens analógicas com papéis, cola e tesoura, linguagem que me acompanha desde criança. Ao mesmo tempo lanço um convite para uma oficina artística que irei oferecer ao público para a livre fabulação de *criancionismos enigmáticos*, segundo um método colagístico em especial que conheci enquanto cursava essa Pós n'A Casa Tombada: a SoulCollage®, que irei apresentar para você.

Uma *Cartoteca*, como o próprio nome sugere, é a princípio uma coleção, ou biblioteca de cartas, criadas de uma forma singular e surpreendente. Essas cartas podem ser vistas como páginas de um livro em processo, um livro de páginas soltas e móveis, que são criadas e lidas fora de ordem, mapas em movimento de territórios subjetivos. Um livro que são muitos livros, num mergulho nos símbolos, arquétipos, personagens e paisagens que nos atravessam. Cada um cria o seu próprio livro, ou *Cartoteca*, um espelho mágico de possibilidades existenciais.

A viagem se dá através de colagens, uma metáfora para qualquer descoberta, já que com ela podemos unir fragmentos e tecer realidades. Essa é uma criação única e pessoal que pode ser realizada a partir do aparente caos que nos rodeia, coletando todo tipo de imagens em fontes e formatos impressos, incluindo nossa coleção de achados mágicos, mirabilias e memorabilias. Selecionando e combinando, deslocando e ressignificando imagens encontradas, do lugar comum e das imagens prontas nascem novos mundos que emergem do desconhecido que nos habita.

Em que territórios decidi viajar com essa *Cartoteca* de páginas ambulantes? Caminho por territórios da infância, minha infância, talvez a nossa, do passado, do futuro, do sempre e do agora mesmo, da memória e da experiência, da vida, do sonho e do que os une. Um livro para a infância, *Cartoteca* em movimento de *criancionismos enigmáticos*. Um livro que conversa conosco e nos traz presentes, caleidoscópio da alma ou daquilo “que nos anima”. A intuição e a imaginação são chaves nessa caminhada. Agora, se cada um pode criar a sua própria *Cartoteca*, o que compartilhamos aqui são setas moventes e um saco de pedrinhas que guiam essa jornada de criação na floresta de símbolos, num caminho encantado, mesmo que eventualmente sombrio, mas sempre um percurso de descobertas, que podem intensificar o processo criativo na vida e na arte.

Nesse desejo de encontrar com infâncias no adulto, tinha concluído um ensaio para essa Pós n’A Casa Tombada que dialogava com a infância na poesia de Manoel de Barros. Viajei pelo mundo incomum criado pelo poeta, marcado pela experiência do chão, onde os verbos deliram e as memórias são reinventadas. Concluído o texto iria fazer um trabalho artístico materializando sua “invencionática”, composta pelos inutensílios e desobjetos criados por ele, como um alargador de horizontes, um aferidor de encantamentos, um beija-flor de rodinhas, um prego de veludo, um alicate cremoso, entre tantos. Para isso eu iria retornar ao meu atelier em São Paulo, rico em materiais ávidos de reciclagens e assemblagens, colagens com objetos que são ressignificados. A pandemia me impediu de voltar, tive que continuar mais um tempo em Brasília, na casa da minha mãe, que dolorosamente morreu no ano passado. Tive que descobrir novos caminhos coerentes com a vida que se anunciava, seguia e segue adiante. A aventura com Manoel de Barros está guardada para depois.

Diante do impasse, recebi em sonhos a mensagem de que deveria voltar para as minhas infâncias reinventadas com papel, tesoura e cola. Investiguei a minha trajetória como colagista, alimentando a leitora, a artista e a infância que resistem em mim. Ao mesmo tempo busco a infância como estado de invenção. Retorno às questões que mobilizam as crianças que me habitam. Como a infância atravessa o processo criativo na vida e na arte? Que infância é essa que não se limita a uma cronologia e memórias de um passado estático, mas que está sempre presente e está sempre em construção, aberta a possibilidades expressivas, à proliferação de sentidos e à criação de novos mundos? O que quer a infância que vive no adulto?

Internamente reflito também sobre o que essa proposta se aproxima das experiências vividas por mim na pós-graduação sobre o livro para a infância, que realizei n'A Casa Tombada. Ela em parte se desdobra dos questionamentos que me conduziram nesse percurso, como artista visual, ilustradora, pesquisadora e escritora em crescimento. Minhas perguntas foram alimentadas pela multiplicidade de professores, alunos e livros lidos e mediados no curso, estabelecendo diferentes relações com as infâncias reais e imaginárias, atravessadas por vivências, memórias e fabulações. Onde vivem os monstros e as infâncias que nos habitam?

Por outro lado, existe também um movimento irresistível que vem da minha própria infância que se apresenta como uma atração pelo que é estranho, pelo que desvia e não se encaixa confortavelmente nos territórios pré-definidos. O que tem o percurso da *Cartoteca* a ver com o nosso curso? Talvez não tenha de forma direta e imediata, mas sim de um jeito enviesado e imprevisível. Trata-se de um caminho inesperado de pesquisa que alimenta o processo de criação e a investigação da infância. Onde queremos chegar? Manoel de Barros acreditava que "criar começa no desconhecer". (Barros, 2010: p. 159)

Minha primeira colagem



Quando a minha mãe voltou da sua viagem à Europa naquele ano, entre os presentes e tesouros escondidos na mala, estava uma vestimenta ideal para um projeto amoroso de domesticar sua filha. Camisa branca, saia kilt, meia três-quartos, casaco verde de lãzinha para combinar, mocassim de couro com fivelas douradas. O sonho dourado durou uma série de retratos em poses audaciosas em frente ao prédio em que vivíamos na encantadora quadra SQS 308, em Brasília. Nas férias anteriores, aos cinco anos, eu havia visitado as retumbantes e desafiadoras cataratas do Iguaçu com minha pequenina máquina fotográfica Tira Teima com a qual eu tirava fotos quadradas com pontas arredondadas. Uma dessas fotos mostrava a cachoeira estrondosa ao fundo com o corrimão de madeira em primeiro plano, que criava uma frágil segurança para os viajantes. E foi dali que eu fiz a minha primeira colagem assim que as novas fotos foram reveladas, uma rebeldia contra o bom senso e o bom comportamento atrelados ao desejo da mãe, mas também um gesto afirmativo e potente em direção ao risco, à aventura e ao inusitado.

"Construo um mundo à minha imagem, um mundo onde me pertence, e é um mundo de papel" . (Compagnon, 1996: p.11)



Minha primeira colagem, c.1980.

A viajante destemida.

"Eu sou o risco e a aventura da liberdade."

"Criança, tenho uma tesoura, pequena tesoura de pontas arredondadas, para evitar que me machuque; as crianças são muito desastradas até que atinjam a idade da razão, quando aprendem o alfabeto. Com minha tesoura nas mãos, recorto papel, tecido, não importa o que, talvez minhas roupas. Às vezes, se sou bem-comportado, oferecem-me um jogo de imagens para recortar. São grandes folhas reunidas em um livreto, e sobre cada uma delas estão dispostos, em desordem, barcos, aviões, carros, animais, homens, mulheres e crianças. Tudo o que é necessário para reproduzir o mundo. Não sei ler as instruções, mas tenho-as no sangue, a paixão do recorte, da seleção e da combinação". (Compagnon, 1996: p.9)

Foi quando eu conheci a SoulCollage®

Durante a pandemia participei dos meus primeiros workshops de SoulCollage®, um processo de autoconhecimento sensível e profundo proposto pela norte-americana Seena Frost na década de 1980. Através do método a pessoa é convidada a selecionar, montar e colar recortes de revistas em uma carta de papelão grosso de forma intuitiva e depois dar voz à imagem produzida, dialogando com dimensões subjetivas e arquetípicas do ser. Nesse período criei mais de duzentas cartas oraculares, solicitando minha sabedoria interior em tempos de crise, luto e transformação. Resignifiquei em parte a minha relação com a colagem, que me acompanha desde criança, provavelmente o que mais singulariza minha linguagem artística e processo criativo, desde como penso, me visto e arrumo a casa, passando pela produção em design, ilustração e artes visuais.

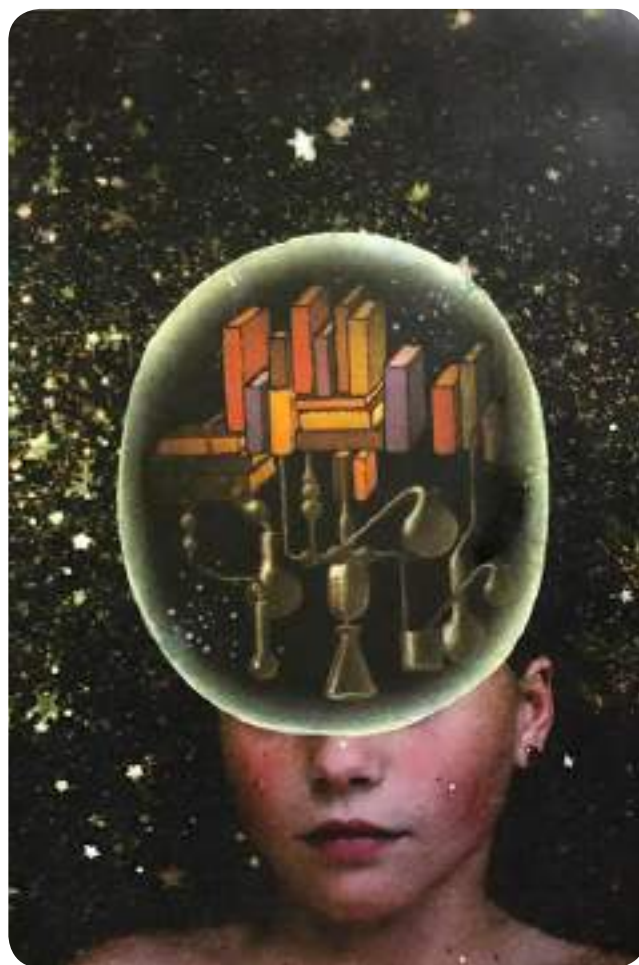
Na pandemia participei de duas oficinas em que o trabalho com as cartas estava associado à leitura de capítulos da obra “Mulheres que correm com os lobos” (1994) de Clarissa Pinkola Estés, aquele livro irresistível que desperta tanto amor quanto mau humor. Confiei no percurso. “O rio da vida” foi uma oficina que incentivava a produção de imagens para reavivar o fluxo criativo. O trabalho com a fascinante bruxa russa da floresta, Baba Yaga, no conto “Vasilissa a sabida” trabalhou o resgate da intuição como jornada de iniciação.

As oficinas, em várias etapas sucessivas, contaram com a construção de 10 cartões cada uma, segundo o método de SoulCollage®, seguidas por sugestões de leituras, oráculos, mandalas, rituais, músicas, práticas corporais, meditações, relaxamentos e compartilhamento das cartas produzidas. Isso evidencia as amplas possibilidades de associação entre a produção das cartas com diferentes conteúdos literários, teóricos, vivenciais, ou o que quer que escolhamos como gatilhos para disparar a imaginação. Cada facilitador fertiliza novos territórios de possibilidades expressivas.

Em janeiro deste ano de 2022 participei de uma oficina em que foram criadas cartas inspiradas no tema “Portais e Limiares” (“Portals and Thresholds”)¹. A ideia era abrir novas possibilidades para recomeços e ritos de passagens em nossas vidas em múltiplos níveis. Depois de criadas as cartas, fizemos as leituras, processo em que cada carta “fala” através de seu criador, respondendo a perguntas como: “Quem é você?”, “O que você me trouxe?”, “O que você espera de mim?”. Minha carta me fez chorar de forma inesperada. Ela respondeu, através da minha própria voz, que era um laboratório de criação alquímica e intergaláctica que esperava que eu criasse minha arte a partir desse laboratório, capaz de acolher o universo de olhos fechados. O laboratório era também uma biblioteca na mente de uma criança das estrelas.

1. Realizada com a facilitadora de Soulcollage® norte-americana Julia Field através da plataforma Zoom.

O Laboratório de Invenções



Quem é você?

Sou uma criança, mas também sou uma viajante das estrelas. Trago um saber de outro lugar, uma espécie de alquimia, que te convida a olhar para dentro, mas esse dentro abraça o que está fora, capaz de acolher o universo de olhos fechados. Sou um laboratório de criatividade, mas também uma biblioteca que guarda o conhecimento que está nos teus sonhos.

O que você quer me mostrar?

Quero mostrar um lugar dentro de você onde se sinta livre para criar e experimentar sempre, sem medo nem vergonha de ser diferente. A biblioteca mágica e o laboratório inteiro estarão ao seu alcance. Você pode inventar a sua arte a partir deste laboratório de criatividade alquímica.

Que presente você tem para mim?

Quando precisar, viaje por dentro dos vidros de ideias fervilhantes e tome uma gota do seu Elixir. Abra a porta de um dos livros e encontrará uma surpresa.



Minha primeira carta de SoulCollage®:
A Sacerdotisa das Águas.
“Eu sou aquela que mergulha no mundo dos sonhos”



A floresta de Baba Yaga.
“Eu sou aquela que me transformo em floresta para me atravessar”.

Além de um processo de investigação de mim sobre eu mesma, vi ali um portal para experimentos de criação de textos e imagens, burlando os esforços repressores da autocritica e do julgamento racional. A criação brotou com o mínimo esforço e grande potencial expressivo. A colagem é ótima nesse percurso pois desafia o medo que muitas pessoas têm de não serem artistas e não terem talento. Todo mundo pode fazer uma colagem e no caso da SoulCollage® ninguém julga ou interpreta a carta do outro, cada um se lê e relê em imagens capazes de revelar a cada leitura novas faces do enigma. Digo isso por que o propósito do trabalho não é explicar, nem nos definir criando rótulos ou respostas prontas, respeitamos o movimento fluido de novas possibilidades e a compreensão de que, como disse Clarice Lispector: “Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo” .²

Em fevereiro de 2022 decidi fazer o curso de formação, em inglês, com a facilitadora Mariabruna Sirabella³, que por muitos anos trabalhou com Seena Frost, a criadora da SoulCollage®. Sua visão antropológica enfatiza a abertura para a alteridade na prática com grupos e sua vivência espiritual nos convida a um encontro com a nossa própria sabedoria. Estão sendo oito encontros repletos de trocas, experiências e descobertas. Enquanto escrevo esse texto participo das aulas e vou retornando à escrita, numa conversa contínua com o conteúdo do curso. É bom destacar que esse método da SoulCollage® é muitas vezes usado como suporte para processos terapêuticos, mas essa não é a minha abordagem. Minha intenção é criar oficinas para diferentes públicos explorando possibilidades em formatos ainda por inventar, ao mesmo tempo em que monto a minha própria *Cartoteca* dos sonhos da infância. A *Cartoteca* se insere também no baralho maior que estou criando, relacionado à SoulCollage®, num sentido mais amplo.⁴

O encontro entre caminhos de pesquisa e criação me levou a unir essa experiência com a investigação sobre a infância e o processo criativo da colagem. Se o processo de criar as cartas e dar voz a elas eu busquei na SoulCollage®, a escolha pelo imaginário da infância e a definição da *Cartoteca* foi minha escolha como pesquisadora, em diálogo com outras experiências que

2. LISPECTOR, Clarice. Não entender. In: _____. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 172

3. Mariabruna Sirabella conheceu Seena Frost nos anos 80, com quem ofereceu programas e treinamentos. Atualmente, como instrutora líder do SoulCollage®, seu trabalho é a síntese de experiências em yoga, antropologia teatral, xamanismo e dança, somados aos seus estudos em filosofia, religião comparada e literatura.

4. Vou apresentar ainda quais são os princípios do método e os naipes originalmente propostos por Seena Frost.

vivi no mesmo período, em especial a Pós n'A Casa Tombada. Esse é um caminho simultâneo de investigação do tema que nos mobiliza, a infância, com um movimento de descoberta das infâncias que me habitam.

Com revistas, um cartão, tesoura e cola nas mãos, tudo pode acontecer. Se o método original das colagens da alma diz respeito à criação e leitura das cartas que são agrupadas em diferentes naipes pré-estabelecidos, o processo criativo pode ser conduzido das mais diversas formas. Existe também uma diferença entre propor atividades e oficinas apresentando o método original ou incorporar aspectos e procedimentos do mesmo para trabalhar temas paralelos de outras formas já exploradas ou ainda por inventar. Tenho outros projetos de oficinas e processos criativos seguindo esse princípio como os "Arcanos da Floresta", em que fazemos uma viagem em uma floresta imaginária por meio de textos e colagens com as cartas criadas pelos participantes.

Em todo caso, o material produzido nas cartas não deve ser utilizado para análise ou interpretação crítica e teórica, são muito íntimos e pessoais para isso. São imagens que podem desafiar, sensibilizar, mediar e mobilizar a imaginação e o pensamento de formas imprevisíveis, que ainda não sei. Preciso descobrir ainda mais o espaço de abertura e diálogo entre as cartas falantes e como incorporar suas respostas na produção de conteúdo criativo. Isso significa que ainda existe um enigma no coração do caminho.



Carta da série Arcanos da Floresta: *O mágico da floresta*

"Eu sou o enigma no coração do caminho".

Adriana Peliano, 2021.

Criar colagens é despedir-se de saberes arraigados e acomodados, engravidar-se do desconhecido que está prestes a nascer. Cabe enfatizar que este método propõe um trabalho intuitivo e não a ilustração de conceitos teóricos prévios. Em oficinas de colagem que pretendo dar, uma das buscas é desafiar estereótipos e imagens prontas do que é e o que pode a infância. Minha intenção é alimentar a criatividade com a produção de textos e imagens partindo de um mergulho pessoal em um universo íntimo, subjetivo e onírico disponível a quem ousar desbravar.

Nesse caminho vou intuindo e reimaginando infâncias entre fragmentos, apropriações e deslocamentos em uma coleção de dezenas de imagens em folhas de papel espalhadas sobre a minha mesa e a minha cama, mergulhando em sonhos dentro de sonhos. Vou também compartilhar aqui alguns conceitos e reflexões sobre a infância que me alimentam nessa viagem, buscando manter acesa a chama da curiosidade e da invenção. Dialogo com visões da infância que chegam a ser antagônicas, mas que compartilham desse impulso libertador de conceitos fechados que ameaçam nos condicionar e criar fórmulas prontas. Buscarei a investigação das infâncias como experiências de criação e o quanto as formas de dizer a infância dizem sobre quem somos.

Após o texto apresentarei um folder para ser distribuído durante as oficinas que vou oferecer estimulando que os participantes possam produzir novas cartas por conta própria. Pouco a pouco iremos também visitar a *Cartoteca de criacionismos enigmáticos* que venho criando nesses últimos meses, paralelamente à minha participação na Pós.⁵ Vou mostrar algumas cartas que criei, parte do que elas me contaram. Volto a dizer que não se trata de ilustração de conceitos abstratos e teóricos, nem de um comentário conceitual sobre as representações visuais da infância, nem de expressão estética segundo critérios artísticos, mas pode sem dúvida dar subsídio para tudo isso. Na verdade, essa é uma aventura de investigação e descoberta dirigida a princípio mais para a pessoa que cria do que para os outros, mesmo que a experiência possa e deva ser compartilhada de forma estimulante através de desafios para a escuta atenta.

As minhas cartas estão guardadas em uma frasqueira herdada da minha avó, ao mesmo tempo estranha, desgastada e irresistível, como alguns bolsos e esconderijos, refúgios de segredos e encantamentos. Minha frasqueira é como um coisário de devaneios que plantam em minha memória, verdadeiros ninhos de Faz-de-Conta. Ela é também uma *Cartoteca da infância e criacionismos enigmáticos*, um misto de jogo oracular, baú de tesouros, escrita em movimento, livro objeto, onde as imagens mudam de ordem e falam conosco e através de nós, sobre o caleidoscópio que somos.

5. Nesse sentido, cabe ressaltar que todos podem fazer suas próprias cartas, mas para dar aulas e oficinas é recomendado que faça o curso de facilitador da técnica.



Cartoteca da infância.

Adriana Peliano, 2021 / 2022.





A Maluquista



Quem é você?

Eu sou a boa aluna e sou a maluca da sala e do salão.

O que você quer me mostrar?

Que monstros podem ganhar diplomas e meninas bem comportadas podem se casar com ciclopes e unicórnios. As fórmulas e as notas são uma ilusão, não se preocupe em estar com a razão. De perto todo mundo é louco e vai saber o que os loucos são.

Que presente você tem para mim?

Um diploma de Birutismus Hours Concours então.

A Invencionista



Quem é você?

Eu sou a inventora invencionista invencionista da invencionista.

O que você quer me mostrar?

Com um olho virado, atravesso para o outro lado, engrenagem magicósmica, desejos miróticos, fagulhas amartemágicas, brincadeiras alicinógenas, histórias fabulíricas.

Que presente você tem para mim?

Eu te dou uma entrada para visitar uma fábrica de diversão, criação e amizade com a maluquice.

Procurando a infância

Visitando alguns pensadores e teóricos que ampliam o conceito da infância para além dos limites cronológicos, encontrei mais perguntas do que respostas, mais desafios do que saberes estabelecidos, mais provocações do que lições. Ainda bem, já que a vida e o conhecimento são uma navegação no oceano de incertezas entre arquipélagos de certezas, como diz o filósofo e sociólogo Edgar Morin. A infância, nesse cenário, passa a expressar algo que não sabemos, que escapa a nossas verdades e que se reveste de novos sentidos múltiplos e simultâneos a cada vez que se faz presente. A infância coloca em questão nossa necessidade de ordenação e controle e os respectivos discursos que construímos sobre ela. Com experiência enigmática, a infância enquanto experiência nos acontece, nos desafia. (Leal, 2020: p. 21)

Giorgio Agamben é um filósofo italiano, autor de obras que percorrem temas que vão da estética à política. Em “Infância e História” (2005), inspirado pelo pensamento de Walter Benjamin, entende a infância como a possibilidade de recuperação da pura expressão, o momento em que as palavras ainda não estão aprisionadas por modelos abstratos, ou a uma subjetividade padronizada, consumida em fórmulas prontas. A infância como um momento epistemológico e existencial, no qual se constitui o sujeito da experiência aberto ao imprevisto, ao indefinido, capaz de superar o determinismo racionalista do mundo. Todo esse movimento cultiva a sensibilidade para desmontar estereótipos e clichês, alimentando a criatividade, as transformações e a abertura para a alteridade.

A pesquisadora Bernardina Leal na bela introdução do livro “Chegar à infância” (2011) entende a infância como algo que resiste, insiste e exige uma abertura para novas experiências. A infância enquanto experiência acontece, nos acontece. “Impele-nos a decifrá-la. Obriga-nos a aprender o que não foi ensinado. Força-nos a reconhecer que ainda não sabemos, que ainda não pensamos o que pode ser pensado” (Leal, 2011. p.21). A infância instaura um sujeito criativo para que ele possa dar sentido e acrescentar significação ao mundo em experiências de linguagem. Ela dialoga com o filósofo e pedagogo espanhol Jorge Larrosa para quem a experiência opera como uma sensibilidade, uma forma singular de estar no mundo e dar sentido à vida. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa, 2002: p.21).

Bernardina nos alerta que a infância pode ser compreendida como a representação e a concepção que os adultos fazem sobre a fase inicial da vida. *Infans* – aquele que não fala – em sua origem latina, designa o novo, que acabou de ingressar no mundo. Infância pode também designar o período vivido pela criança durante essa fase da vida. Por outro lado, o termo criança indica mais claramente um período delimitado de tempo e uma realidade psicobiológica. Há, no entanto, controvérsias.

Num sentido mais libertador, para além das fórmulas, lugares comuns e conceitos fechados, infância não se limita a uma etapa cronológica da vida, mas a uma potência que pode avançar no imprevisível, no acontecimento, no devir. Infância que traz o novo e resiste ao que já está estabelecido. As infâncias, portanto, não são apenas uma fase específica de crescimento que antecede a vida adulta e termina, elas são acontecimentos e “devires de (re)invenção”. (Leal, 2020: p. 27) Devir entendido como o movimento do tornar-se, do vir a ser, um modo processual de transformação, mudança e movimento. O ser compreendido como processo.

Enquanto experiência, a memória tem um lugar privilegiado na constituição da infância. Ao longo da vida vamos impregnando de signos e de sentidos que atribuímos a ela. A infância nos convida a aprendermos novos modos de compreensão e nos tornarmos mais atentos, sensíveis e abertos. Polissêmica, a infância é ao mesmo tempo multifacetada e única, coletiva e singular, trazendo uma vivência única e íntima para quem a vive. (Leal, *ibidem*: p. 19) Na intensidade de cada experiência da infância vivida e expressada, pode residir um aspecto da experiência humana a ser compartilhado. Nesse contexto, a arte e a literatura podem trazer novas maneiras de ver, ouvir, sentir, ler e, portanto, viver a infância. Continuo catando seixos para a minha *Cartoteca dos criacionismos enigmáticos*.

Pode ser que nossa dificuldade em encontrar a infância resida em querermos situá-la distintamente longe da vida adulta, ou de qualquer outra categoria que encaixa a vida humana em prateleiras de classificações. “E se a infância estiver misturada em tudo?”, pergunta Bernardina. E depois nos propõe um enigma irresistível:

“Para se chegar à infância talvez seja necessário saber a senha – uma senha intransferível, irrepetível, única a cada acesso. Uma senha sem número, mas com as letras da atenção. Há que sabê-la de cor, de coração. Não adianta fazer anotações ou solicitar ajuda. É preciso incorporá-la, senti-la dentro, deixá-la acontecer” (Leal, *ibidem*: p.22).

Alice Azulis



Quem é você?

Eu sou uma das suas Alices. Viajei o mundo em busca do pássaro azul, que é o pássaro da felicidade. Ele é meu companheiro e aliado. Adoramos estar juntos e podemos voar alto para onde quisermos. Como é mágico viver.

O que você quer me mostrar?

A vista do alto dessa árvore de onde você pode ver toda a floresta e o reino da História sem Fim.

Que presente você tem para mim?

Uma borboleta veio te fazer um convite enviado pela Imperatriz criança.

A defensora



Quem é você?

Sou defensora da ecologia da infância. Tenho todas as idades ao mesmo tempo e viajo pelas paisagens do encantamento e do livre brincar. O sonho é a alma da realidade.

O que você quer me mostrar?

O mapa desse lugar. Não é um refúgio ideal, mas a vida pulsando.

Que presente você tem para mim?

Aconteça o que acontecer, saiba usar as suas sementes de maravilhas.

A Flautista de Amarelim



Quem é você?

Eu sou uma encantadora de sonhos, minha imaginação faz girar a roda. Saí da caixa de música para tocar eu mesma a trilha sonora das minhas aventuras.

O que você quer me mostrar?

Vamos brincar?

Que presente você tem para mim?

Um sopro encantado.

A criança interior

Virei uma encruzilhada na floresta e investiguei um outro percurso epistemológico oferecido pela psicologia. O conceito de criança interior está muito presente, desde meados dos anos 1960, seguindo abordagens teóricas distintas. Segui a trilha de C. G. Jung e a psicologia analítica. O conceito da criança interior em geral parte de uma ideia hoje muito propagada de que ainda existe uma criança viva em cada um de nós. Essa criança incorpora nossos instintos, sentimentos e intuições. Ela está presente em nossas fantasias, pressentimentos, preferências e rejeições, nos devaneios e na imaginação mais delirante. Como uma realidade simbólica e poética, a criança interior aparece em nossa imaginação, nos sonhos, nas múltiplas artes e nas diferentes mitologias, podendo representar a renovação, o entusiasmo, a esperança, a descoberta, a coragem, a espontaneidade e a imortalidade, a magia e o mistério de viver.

Nessa visão é importante ressaltar que a criança interior não se confunde com a criança da vida concreta nem a criança que fomos objetivamente. Para a realidade psicológica, a criança é um símbolo arquetípico mais próximo do mito, tocando e inspirando profundos centros criativos: pode ser uma criança-maravilha, uma criança divina, concebida, nascida e criada nas circunstâncias mais extraordinárias. Seus feitos são milagrosos ou monstruosos assim como sua natureza e características físicas. A criança mitológica pode ter várias formas: um deus, um gigante, um animal, pode ser Hércules, Peter Pan, o Pequeno Príncipe, a Polegarzinha, ou um animal.

Em 2021, durante a pandemia, fiz um curso sobre a criança interior com a psicóloga jungiana e arte terapeuta Patrícia Pinna Bernardo. O tema da criança interior foi trabalhado em uma série de encontros partindo da psicologia dos contos de fadas, mitos e filmes, intercalados com atividades de arte terapia. Descobrimos ao longo do curso que o exercício do adulto de dar as mãos para a sua infância é um movimento de maravilhamento e de reencantar o mundo. Os contos de fadas, por exemplo, podem alimentar esse reencantamento cartografando uma anatomia comparada da psique numa pletora de símbolos que nunca se esgotam. Com João e Maria tratamos do tema do abandono da criança; com o patinho feio, a aceitação da diferença e do estranhamento; com Rapunzel, o cultivo do fio entre a fantasia e a realidade; com Cinderela, a capacidade de materializar sonhos; com João e o pé de feijão, a conexão entre o céu e a terra e o fluxo da criatividade. Com a princesa que entra na floresta e deixa cair dentro do poço a bola de ouro que é resgatada pelo sapo, um trabalho de cura no limiar do inconsciente.

Segundo a psicóloga jungiana Marie-Louise Von Franz, a criança está sempre atrás e adiante de nós. A questão é decidir se agora se trata de uma infantilização que deve ser sacrificada, que sempre nos puxa de volta para uma condição dependente, para fuga diante dos problemas e das responsabilidades e da vida. Por outro lado, a criança pode significar renovação, a espontaneidade e abertura de novas possibilidades: a vida fluindo rumo a um futuro criativo. O exercício da SoulCollage[®], como eu entendo, transita justamente entre o imaginário individual e o coletivo, entre dimensões afetivas e arquetípicas, entre aspectos sombrios e sofrimentos que contraem a potência de viver e a abertura para a liberdade, a transformação e o devir.

Em "A psicologia do arquétipo da criança" (in. Abrams, 1999: pp. 43- 53) C. G. Jung definiu a criança interior como um símbolo de totalidade na psique. Ela representa o anseio profundo da alma humana por expandir-se, crescer e investigar vastos e ilimitados territórios, "o mais poderoso impulso do ser humano de realizar-se" (in. Abrams, Ibidem: p. 36). Essa criança interior é uma personificação de forças vitais que estão muito além de nossa mente consciente, em dimensões sobre as quais ainda pouco sabemos...

Para pensar essa criança precisamos entrar no reino dos arquétipos, uma forma inconsciente, preexistente e impossível de ser representada que faz parte do inconsciente coletivo, que Jung concebia como o reservatório da herança psíquica da humanidade. Arquétipos são padrões universais de energia aparecendo em diferentes culturas com nomes diferentes através dos símbolos. Eles são invisíveis e silenciosos aparecendo nas vozes intuitivas do inconsciente ou em sonhos, mitos, poesia, música, artes em geral, sempre plenos de energia vital.

Para Jung, o arquétipo da criança era muito mais que um conceito ou teoria. Era uma força viva que ajudava a guiar e a sustentar sua personalidade adulta. Aliás, ele continuou valendo-se de seu contato especial com a criança interior nos momentos difíceis pelos quais passou em sua vida, tanto pessoal como profissional. A criança é promessa e símbolo de renascimento, renovação e futuras transformações. Já que a vida é fluxo, é a "criança" que abre caminhos para futuras mudanças na personalidade. No processo de individuação jungiana, ela antecipa a síntese entre os elementos conscientes e inconscientes. Portanto, é um símbolo que une os opostos, portador da cura, aquele que integra, já que o objetivo do processo de individuação é a síntese do Self, uma "entelégua", força vital que impele o ser humano à auto realização.

Cabe enfatizar que o arquétipo da criança nos remete ao menos a dois aspectos polares da psique: de um lado o tema do nascimento miraculoso e por outro, o do abandono. Um lado se refere às dimensões míticas do tema da criança interior, a criança divina repleta de promessas e possibilidades, renascimentos e renovações. Outro trata da sombra e do tema da

criança ferida, a criança que sofreu abuso, abandono ou rejeição, marcada por memórias de dor e sofrimento, como consequência de uma vida familiar desestruturada ou da indiferença da sociedade. Enquanto diversos ramos terapêuticos se dedicam a proporcionar práticas e terapias para acolher e cuidar dessa criança ferida, a primeira é fonte de cura, vitalidade e transformação. Todas elas de uma forma ou de outra estão presentes em nossas vidas em muitos níveis. Os *criacionismos enigmáticos* podem nos acompanhar nessa busca.

A infância em devaneios

Foi no texto do filósofo francês Gaston Bachelard “Devaneios sobre a Infância” que encontrei grande estímulo no percurso de criação da *Cartoteca*. Essa infância que nunca termina e o ato criativo se aproximam dos devaneios da criança, numa infância como diz Bachelard “liberta da engrenagem do calendário” (Bachelard, 2009: p.111). O filósofo reconhece a permanência, na alma humana, de um núcleo da infância sempre viva, entendida sob o signo do devaneio e do maravilhamento. Um devaneio relacionado à infância devolve ao sonhador a energia e a fala inaugural.

Bachelard investiga não só a vivência da infância, mas a criança no adulto e sua dimensão arquetípica, assim como a infância não vivida, a promessa da criança interior, a criança ainda por viver. Para o filósofo existe dentro de nós uma criança em potencial e quando nos aproximamos dela “em nossos devaneios revivemo-la ainda mais nas suas possibilidades do que na sua realidade” (Bachelard in. Abrams, 1999: p.71). É possível, portanto, encontrar dentro da alma humana um núcleo de infância permanente, uma infância secreta, desvinculada da história, mas “disfarçada de história quando relatada”, e que ganha vida nos momentos de sua existência poética.

“Dentro de nós, ainda dentro de nós, sempre dentro de nós, a infância é um estado de espírito” (Bachelard in. Ibidem: p.82). O devaneio é uma imagem primordial na obra de Bachelard que reconhece que é na solidão que a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico que nos vincula ao mundo. Para ele é nas lembranças dessa solidão cósmica que encontramos o núcleo da infância na psique humana. As solidões originais da infância são libertadoras da imaginação. Se a memória é “um campo repleto de ruínas psicológicas, um baú de recordações” (Bachelard in. in. Ibidem: p.69), nossa infância permanece disponível para ser reimaginada. Nesse sentido a memória e a imaginação competem para compor as imagens que configuram as nossas vidas e no devaneio a imaginação e a memória estão intimamente entrelaçadas.

Seguindo a via de Gaston Bachelard, a criança interior não é uma memória da infância que a pessoa de fato viveu. Ela não representa algo que existiu no passado distante, não é só um vestígio, mas também algo que se afirma no presente. Essa ideia pode ter se tornado um lugar comum entre os estudiosos da literatura para a infância. Entretanto, mais importante do que a ideia genérica é viver a experiência, captar seus movimentos sutis, ativar os sentidos e proliferar outros sentidos. Voltar à infância não se limita à experiência vivida, mas a sua ressignificação na vida adulta. Reportarmos-nos ao passado não como este de fato ocorreu, mas a um passado recontado, poetizado e devaneado no presente. As memórias da infância são, portanto, matéria de invenção, uma permanente criação desmontando as fronteiras entre realidade e imaginação.

O devaneio estabelece a memória da imaginação. Segundo Bachelard, quando estamos a sós e em estado de devaneio, nos afastamos do presente para reviver a infância, e nesse momento várias faces se manifestam, já que fomos e somos vários. Através do relato dos outros vamos unificando os nossos eus em torno de nosso nome. Mas, acredita o autor, nesse caminho existem devaneios tão profundos, que nos ajudam a mergulhar dentro de nós mesmos, que somos libertados da nossa história e do nosso nome. Volto para a minha *Cartoteca* para acolher devaneios e desafiar meu nome, em estado caleidoscópico de reinvenção.

Na obra "A Poética do Devaneio" Bachelard define um coisário como um conjunto de objetos reunidos, escolhidos, selecionados, por motivos subjetivos e que testemunham nossa intimidade. Objetos pessoais, de estimação e afeto, coisas da infância, íntimas ou ínfimas. Este coisário pode ser um local em nós mesmos onde depositaríamos nossas lembranças, vivências e memórias afetivas e, que podemos visitar sempre que quisermos. Segundo Bachelard, o nosso coisário é precioso, pois nos oferece os benefícios dos devaneios. Um convite para ver o invisível e reacender as potências do encantamento. Imagino a *Cartoteca* da infância como um coisário e a criação de cartas como um convite aos devaneios que despertam como em sonhos lúcidos para criar novos mundos.

E as crianças? A infância da criança é, em geral, sabemos, conduzida por narrativas organizadas pelos adultos. Bibliotecas inteiras e legiões de especialistas analisam e interpretam as crianças. Dezenas de programas de TV, serviços e produtos culturais decidem o que as crianças querem. Inúmeros esquemas de marketing e planejamentos estratégicos criam objetivos e mecanismos de avaliação para a confirmação de diagnósticos e prognósticos. Nesse cenário Jorge Larrosa identifica que a infância parece algo que nossos saberes, nossas práticas pedagógicas e nossas instituições já capturaram, algo que podemos explicar e nomear. Entretanto, para esse filósofo e pedagogo, a infância é aquilo que ultrapassa qualquer tentativa de captura, inquietando a segurança de nossos saberes.

“Se o reconhecimento e a apropriação podem produzir imagens da infância segundo o modelo da verdade positiva, a experiência do encontro só pode ser transmutada numa imagem poética, isso é, numa imagem que contenha a verdade inquieta e tremulante de uma aproximação singular ao enigma” (Larrosa, 2006: p.197).

Talvez nos reste, propõe Larrosa, não uma imagem da infância, mas uma imagem a partir do encontro com a infância, um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho e com o desconhecido e incapturável. Esse espaço de abertura ao desconhecido reverbera as ideias de que a infância é um outro: “aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes” (Larrosa, *ibidem*: p.184). Nesse percurso a experiência do encontro pode ser transmutada em imagens poéticas que traduzam um “encontro singular com o enigma” (Larrosa, *ibidem*: p.197).



O sítio dos meus avós.

“Eu sou a casa de tijolos e amplas janelas por onde posso me expandir e atravessar.”

O olho do infinito



Quem é você?

Sou o infinito em rasgos de descoberta do mundo.

O que você quer me mostrar?

Uma travessia hipnótica, cosmicômica e magnética vibrando impulsos de curiosismos.

Que presente você tem para mim?

A atração pelo desconhecido.

Magisa de Oz



Quem é você?

Eu sou a Magisa de Oz, realizo desejos secretos e lembranças de um passado que ainda não chegou. Uma criança subatômica lúdica e quântica. Caminhos infinitos dançam numa coreografia escalafobética e sorvete de esmeraldas.

O que você quer me mostrar?

Como criamos a realidade.

Que presente você tem para mim?

Uma constelação de átomos de pistache para alimentar os seus desejos lunáticos.

A Chamarriz



Quem é você?

Sou uma criança maravilha, o chamado para o novo, o eterno recomeço. Diante do abismo, não há como seguir a reta, tampouco retificar. O infinito quer falar com você.

O que você quer me mostrar?

Se arrisque. Se entregue ao que ainda não conhece. O medo é uma ilusão. Faça escolhas verdadeiras e esteja sempre presente.

Que presente você tem para mim?

Uma aliança com a grande vida.

O princípio da Colagem

No meu aniversário de 15 anos, ganhei de presente do meu pai o livro “O Homem e seus Símbolos” de C. G. Jung. Naquela época fui seduzida pelo universo da psicologia analítica e também da psicanálise, atraída pelos mistérios e conteúdos inconscientes na vida e na arte. Um ano depois, li no jornal Estado de São Paulo um artigo do psicanalista João Frayze-Pereira sobre a colagem e o surrealismo na obra do artista alemão Max Ernst; ligado ao surrealismo e o dadaísmo. Num gesto compulsivo e quase hipnótico cortei dezenas de revistas, em especial aquelas com figuras de corpos humanos e animais, e espalhei fragmentos por todo o quarto. Dali criei uma série de 21 colagens materializando seres híbridos e metamórficos, habitantes de mundos oníricos. A experiência mudou minha vida e a colagem a partir de então tornou-se expressão dos impulsos criativos que me impulsionam.

Sabemos que a colagem é um procedimento poético efetuado com elementos extraídos de imagens impressas em livros, revistas, jornais, fotografias, figuras de propaganda e retalhos visuais que são apropriados, deslocados e incorporados a um novo contexto, num movimento incessante de seleção e combinação. A colagem é também fruto da aproximação entre realidades distantes e destoantes, podendo criar uma visão alucinatória e contraditória quando comparadas à realidade convencional.

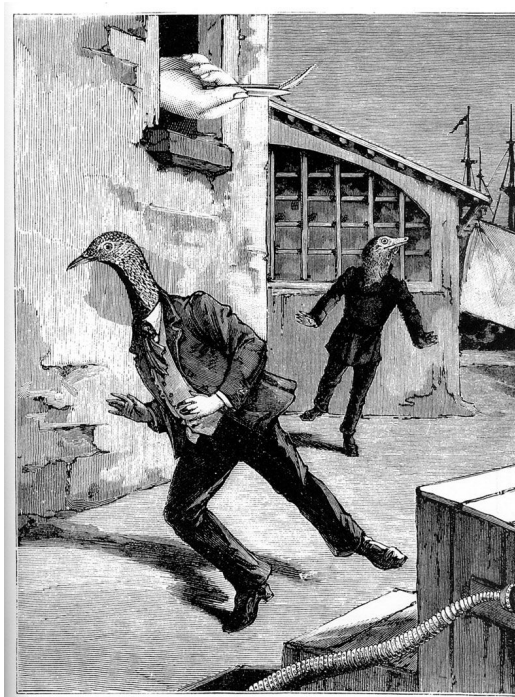
A colagem nos aproxima de enigmas que desafiam o tempo e o espaço, a proximidade e a distância, o estranho e o familiar, o sonho e a vigília. O inconsciente vem se tornando consciente, o conhecido é manipulado dando passagem para o desconhecido, num jogo entre o acaso e a intenção. Nesse processo nos deixamos levar pela intuição para construir a todo momento um mundo novo dos fragmentos do antigo. Deixemos que as imagens nos conduzam por lógicas inéditas.

Campo marcado pelas metamorfoses e ambiguidades, a colagem nos revela que tudo é transformável em outra coisa. O caráter misterioso do sonho encontra na colagem um terreno fértil numa lógica que aponta para outro sentido, que deve ser buscado entre fragmentos e associações inesperadas. As imagens são retiradas de seus contextos e reunidas de maneira surpreendente num devir constante, abandonando o seu destino previsível e sua identidade, passando para um mundo novo e poético, como nos sugere Eliane Robert Moraes na obra “O Corpo Impossível” (Moraes, 2002: p. 44).

A colagem teve forte presença na história da arte desde as vanguardas como o cubismo, o dadaísmo e o construtivismo russo, com destaque para o surrealismo. Max Ernst desenvolveu a concepção surrealista da colagem a partir da imagem poética de Lautréamont na obra transgressora “Cantos de Maldoror”, que apresenta o encontro de um guarda-chuva e uma

máquina de costura sobre uma mesa de dissecação, como o acoplamento de duas realidades aparentemente inacopláveis sobre um plano que aparentemente não lhes convém. O guarda chuva e a máquina de costura farão amor. E novos enigmas se apresentam.

Se a colagem desvia os objetos e imagens de seu sentido e identidade previsíveis, a fim de despertá-los para uma realidade nova e desconhecida, André Breton comparou a colagem à metáfora poética capaz de “embaralhar a ordem das palavras, de atentar desta maneira à existência aparente das coisas” (Breton, 1924/1992, p. 276). Ocorre que o artista desenraiza o objeto para reconfigurá-lo como nova realidade, segundo Max Ernst, “para transformar em dramas reveladores de seus mais secretos desejos o que antes não passava de vulgares páginas de publicidade”. (Apud. Frayze-Pereira, Estado de São Paulo, 1991.)



Max Ernst, 1934.⁷

7. Max Ernst, página de “Édipo (Édipo), Volume IV”, de “Uma Semana de Bondade ou os Sete Elementos Capitaux”, (“Une Semaine de bonté ou les sept éléments capitaux”, 1933–34) publicado em 1934.

8. Outros livros ilustrados por mim através de colagens com temas ligados à Alice: CANTON, Kátia e PELIANO, Adriana (ilustrações). 1) Lewis Carroll na era vitoriana e outras histórias de Alice. São Paulo: DCL, 2010; 2) CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no Subterrâneo. Concepção, projeto gráfico e tipografia de Adriana Peliano. Tradução de Adriana Peliano e Myriam Ávila. São Paulo: Scipione, 2011. Prêmio Jabuti em 2012; CARROLL, Lewis. 3) Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou lá. Ilustrações e pós-fácio. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

9. Esse espetáculo foi inspirado na minha dissertação de mestrado “Através do Surrealismo e o que Alice encontrou lá” defendida em 2012 na Programa Interunidade em Estética e História da Arte no MAC / USP, com orientação de Kátia Canton.

10. Veja o resultado de várias dessas oficinas no blog: alicedelicas.blogspot.com



Adriana Peliano, 1997

Alices em figuras e diálogos

Os livros de Alice são uma fonte inesgotável de criatividade e invenção. Enquanto fui crescendo me tornei uma espécie estranha de Alice e minhas aventuras num mundo de maravilhas têm sido repletas de transformações, mergulhos e travessias. Em viagens pelos subterrâneos e espelhos da obra de Lewis Carroll, entre criações artísticas, investigações curiosas, performances, apresentação de palestras, oficinas e exposições, fui criando um jogo metamórfico, usando figuras e diálogos de quem sonha acordado, buscando capturar a vida das Alices dentro da leitora e da artista que habitam em mim. Como disse a escritora e editora inglesa Virgínia Wolf, “as duas Alices não são livros para crianças; mas os únicos livros em que nós nos tornamos crianças.” (Carroll, 2020)

Com a colagem podemos desafiar o imaginário da infância e nos aventurar no País das Maravilhas. Entre 2009 e 2017 facilitei uma série de oficinas de “alucinagens” em vários espaços educativos e eventos culturais. Elas aconteceram na FFLCH / USP, no Feia - Festival do Instituto de Artes da Unicamp, no galpão do grupo teatral Cia. de Eros (que montava o espetáculo “Através de Alice: sono, sonhos, soluços e suspiros”⁹), no evento Zig Zag Moda e Arte, como parte da programação paralela do SPFW no MAM em SP, no IED (Instituto Europeu de Design) entre outros¹⁰.

Eu levava uma grande quantidade de páginas de catálogos e revistas com imagens curiosas e instigantes que serviram como ponto de partida para as aventuras dos participantes. Ao mesmo tempo oferecia reproduções das ilustrações vitorianas de John Tenniel e às vezes imagens do desenho animado de Walt Disney. No início do encontro eu sempre apresentava um panorama da história das representações visuais de Alice na arte e na ilustração através de projeções de dezenas de ilustrações de Alices insólitas que desafiavam as imagens óbvias e convencionais. Em seguida desenvolvíamos um jogo inspirado no surrealismo e partíamos para a colagem.

De um grande caleidoscópio onírico cada um contribuía com sua visão singular. Diante das imagens conhecidas e estereotipadas do universo de Alice, cada um criava uma colagem respondendo aos enigmas: “Quem é Alice para você?” Ou ainda: “Qual é o sonho de Alice?”. Essas oficinas antecederam a minha descoberta da SoulCollage®, e já traziam o propósito de mergulhar no mundo dos sonhos, para encontrar o País das Maravilhas dentro de nós e desbravar paisagens subjetivas.

Após a publicação do livro de Lewis Carroll em 1865, viajando por mais de 150 anos e publicada em mais de 100 países, Alice se tornou uma criança icônica. Ela vem sendo

reimaginada geração após geração, uma criança através da qual projetamos nossos medos, sonhos e desejos. Revisito aqui um trecho do meu livro "Alice em Sete Chaves" e percebo todo esse processo em movimento:

"Alice é caleidoscópica e revela o campo das múltiplas possibilidades criativas que existe em cada um de nós. Fluida e múltipla, desde o início do século passado, Alice se desdobrou em múltiplos eus. Ela foi uma garota doce e ingênua, uma feminista questionadora, uma pequena perversa, uma buscadora de novos mundos e uma expansão da consciência, uma psicodélica delirante, uma louca assassina, uma fantasia erótica, uma guerreira de espada e armadura, sempre mutante. Seus livros se movimentam e nunca abrimos duas vezes a mesma página, pois, junto à Alice e seus enigmas, podemos sempre nos transformar e reinventar. Nessa viagem, somos convidados a visitar mundos infinitos sem sair do lugar. Quantas aventuras viveremos, quantos caminhos escolheremos, quantos ainda nos tornaremos?". (Peliano, 2021: p.4)

No universo iconográfico, quando a obra Alice no País das Maravilhas foi publicada em Londres pela Macmillan em 1865, foi contratado Sir. John Tenniel, destacado ilustrador vitoriano. Suas figuras immortalizam os personagens da obra abrindo caminho para artistas em diversas mídias e linguagens que ao longo dos anos mergulharam no mundo de Alice e seus enigmas. Hoje percebemos claramente que Alice já não é mais a menina vitoriana, mas um alicescópico, caleidoscópio de múltiplas possibilidades. Ao invés da pergunta: quem é Alice, hoje desdobram caminhos para quem Alice pode tornar-se...

O cânone de Tenniel se tornou material fértil para a metalinguagem. Artistas percorrem múltiplos caminhos criativos promovendo diálogos entre a Alice vitoriana e seus múltiplos sentidos abertos por leituras das mais variadas naturezas, buscando a diferença e a transformação. Recentemente, com o advento da era digital a influência estética de Alice sofreu um novo impacto. Colagens, fragmentações, misturas de técnicas e linguagens, bricolagens de referências cruzadas, narrativas enviesadas, hibridismos e metamorfoses são alguns dos percursos abertos para os artistas e ilustradores.

Afinal, como descobrimos no livro, Alice tinha mesmo se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse de maneira habitual. "Quem é você?", nos pergunta os espelhos de Alice. Seguem alguns trabalhos realizados nas oficinas de alicinagens.



Alice na Capa de Gertrude Thomson para obra de Lewis Carroll (1890)



Adriana Peliano sobre Gertrude Thomson e Hieronymus Bosch, 2020.¹⁰

10. Parte integrante do livro "Alice em 7 chaves" que illustrei, escrevi e fiz o design gráfico. O livro foi publicado durante a pandemia em 2020 pela editora A Mascote de Belo Horizonte em português e pela editora estadunidense Underline Publishing, em inglês.



Daniela Campos, Galpão do grupo teatral Cia. de Eros.
São Roque, 02/05/2015



Kekei, Evento Zig Zag Moda e Arte, MAM.
São Paulo, 23/01/2010



Aline Izabel, Otto Bistrô e Galeria de arte.
São Paulo, 27/03/2010



Tábata Gerbasi, Otto Bistrô e Galeria de arte.
São Paulo, 27/03/2010

Saiba mais sobre a SoulCollage®

Nos labirintos que atravesso nesse percurso, decidi voltar ao tema da SoulCollage®. Se inicialmente relatei o encontro com o método e os meus primeiros passos dando vida a arcanos que submergem de reinos enigmáticos, agora vou apresentar os princípios do método de maneira mais organizada, da forma que deverei apresentar durante as oficinas que pretendo oferecer.

A SoulCollage® trata-se de um método de autoconhecimento desenvolvido no final da década de 1980 pela norte-americana, teóloga e mestra em psicologia Seena Frost. A SoulCollage® parte da crença de que todos podem ser artistas e exploradores da própria alma. A imaginação se une à intuição, a tesoura se alia à cola, as figuras se abrem para o inconsciente e o sonho.

Depois de nos aventurarmos a criar nossa primeira carta, gradualmente vamos criando um baralho em crescimento, mapa de exploração interior dos fractais da alma, entre dimensões mais sombrias e perturbadoras e potências criativas libertadoras e curativas. Apropriando-nos e interagindo com os símbolos e imagens, vamos nos reconhecendo e descobrindo recursos que nos ajudam a enfrentar os desafios que a vida apresenta.

As colagens da alma são imagens que proliferam sentidos enigmáticos e sugerem histórias não lineares, produzidas em um processo intuitivo e experiencial que tem como objetivo acessar através do inconsciente, a sabedoria interior. Toda alma é uma e são muitas. O método nos propõe observar partes de nós, nomeá-las, conhecê-las e potencialmente transformá-las.

Seena se inspirou nas obras de C. G. Jung, James Hillman, Joseph Campbell e Fritz Perls, além de um vasto repertório de conhecimento nas áreas de psicologia, mitologia e filosofia. Segundo Seena Frost, no livro "Mulheres que Correm com os Lobos" (Estés, 1994.) encontramos uma história que é uma metáfora para esse trabalho. A história de uma indígena anciã, *La loba*, que colhe os ossos de uma loba no deserto, até encontrar todos eles. Ela arranja todas no chão da caverna e canta sobre eles. Os ossos se unem e ganham carne e sangue, o lobo então se transforma numa mulher que foge livre da caverna.

Seguindo essa analogia, quando colhemos imagens prontas de revistas e outras fontes, cortamos e colamos articuladas sobre as cartas e então consultamos as imagens, acontece a mágica. Nós estamos reunindo partes internas, conscientes ou menos conscientes, amorosas ou irritadas, bonitas e outras que fogem das nossas idealizações e então cantamos sobre elas para ganharem nova vida. As cartas irão manifestar nossa natureza múltipla, ora nutridora, ou organizadora, ou exploradora, ou crítica, ou nossa criança abandonada, ou tantas outras.

Outras imagens serão mais misteriosas, míticas, enigmáticas e difíceis de nomear. No processo que antecede a criação das cartas podem ser feitas práticas de internalização, respiração, meditação guiada ou outros recursos. Aliamos uma intenção clara com uma abertura para acolher o desconhecido.

Esse tipo de colagem dialoga com o princípio da imaginação ativa, uma prática que sugere interagirmos com nossas imagens inconscientes e voltar aos nossos sonhos e revivê-los como caminho de cura e autoconhecimento. Esse método foi recriado por Jung, mas já era muito conhecido dos antigos alquimistas e presente com algumas variações na meditação oriental. Consiste em uma técnica com potencial terapêutico, que tem como propósito usar a imaginação para integrar profundos conteúdos internos.

Em seu processo pessoal, Jung desenvolveu o enigmático “Livro Vermelho” ou *Liber Novus* que levou 16 anos para ser escrito e só veio a público anos após a sua morte. Nessas páginas, Jung explora intensamente sua própria psique, suas relações com o inconsciente e o universo arquetípico. Utilizou uma técnica “psiconáutica” através da imaginação ativa e da meditação, para permitir que as imagens fluíssem e dessem forma a textos e pinturas misteriosos e fascinantes. Isso mostra que existe uma grande complexidade envolvida no processo, mas a SoulCollage® traduz o princípio em ações simples, seguras e acessíveis para todos.

A descoberta do Néter é uma das chaves da SoulCollage®. A palavra vem do Egito antigo, e corresponde ao mistério da fonte criadora e da dimensão espiritual que pode permear todo esse processo. O termo tem uma equivalência aproximada com energia, presença, guia ou aliado. É ele quem fala através da carta. Toda carta tem seu Néter, que simboliza nossas energias internas. Então nós ouvimos o que elas têm a dizer com um impacto significativo em nossas vidas. Muitos praticantes e facilitadores da técnica afirmam que esse caminho pode levar a uma maior liberdade e equilíbrio.

As cartas criadas no método original da SoulCollage® se dividem em cinco naipes com características próprias. O baralho como um todo cria uma cartografia das nossas paisagens internas em dimensões psicológicas, afetivas, arquetípicas e transpessoais. Os naipes são:

Comitê Pessoal: As cartas desse naipe têm uma dimensão psicológica, representando diferentes aspectos da personalidade, perspectivas e narrativas sobre nós mesmos.

Conselho Arquetípico: As cartas desse naipe retratam as figuras arquetípicas e míticas que estão guiando nossas vidas. São as cartas mais estranhas, misteriosas e transformadoras.

Comunidade Afetiva: Este é o naipe das relações afetivas que estabelecemos com os outros. Criamos cartas para amigos, familiares ou animais, autores, artistas, lugares importantes na nossa história.

Companheiros Energéticos: Naipes composto por animais de poder, guias imaginários na jornada de vida. O método estabelece uma interligação opcional entre os animais e energia dos sete chacras.

Transpessoal: Composto de três cartas: A Fonte Universal, Essência da Alma e Testemunha, que revelam a nossa relação com a energia universal e o grande mistério. Essas cartas são opcionais, de acordo com a visão de mundo e o envolvimento espiritual de quem cria a carta.

Para esse trabalho eu criei um grupo especial de cartas que nomeei *Cartoteca da infância – criacionismos enigmáticos*. Esse é um desdobramento e aplicação do método SoulCollage®. Esse grupo se distingue dos naipes originais, mas é capaz de reunir cartas ligadas aos outros naipes. As cartas ligadas ao Comitê Pessoal dizem respeito às diferentes dimensões da criança que somos: a criança imaginativa, a criança lúdica, a criança triste, a criança ferida, a criança rebelde, etc. As cartas do Conselho Arquetípico dizem respeito aos arquétipos da infância, à dimensão coletiva e simbólica em nós, mitos, personagens de Contos de Fadas, entre outros. As cartas da Comunidade Afetiva dizem respeito às crianças que conhecemos, ou personagens de filmes, desenhos animados ou livros infantis que podemos incorporar em nossas cartas, por exemplo.

Entretanto, nesse trabalho que proponho não é necessário distinguir a que naipes pertencem as cartas da *Cartoteca*. O importante é que cada carta tenha uma energia definida pela escolha do Néter, geralmente o primeiro elemento que você seleciona para compor a carta. Se você for trabalhar com diferentes crianças interiores, preferencialmente cada uma deverá ter a sua carta. A criança abandonada, por exemplo, não deverá estar na mesma carta que a criança curiosa ou a criança feliz. Essa é uma sugestão baseada na experiência, mas o processo ganha vida própria e nosso poder de controlar o resultado é limitado.

Depois de prontas as cartas, ninguém lê a carta de outra pessoa, cada um é o leitor das próprias imagens para quem faz as próprias perguntas. É importante enfatizar que essa consulta não é esotérica, mística e nem predestinatória, cada um acessa o seu próprio mundo interno usando a intuição. As cartas trabalham por sincronicidade, “coincidências significativas”, que nos conectam com as imagens que encontramos para criar as nossas cartas, assim como influenciam as cartas que selecionamos quando vamos fazer uma consulta. Segundo essa compreensão, nosso consciente individual está ligado ao vasto inconsciente cósmico que contém o reino dos arquétipos que se manifestam em formas em mitos, histórias e símbolos tradicionais. Podemos acessar esses conteúdos a partir de nossas cartas através de percursos surpreendentes.

O potencial criativo desse processo é muito grande. Ele é um caminho de autoconhecimento, uma ativação do processo criativo através de um mergulho em nossa imaginação, nossos sonhos e devaneios. Ao mesmo tempo vamos adquirindo confiança em nosso potencial de produzir textos e imagens de forma intuitiva, mesmo que depois possam ser reelaboradas se tivermos interesse em transformar o material em outras produções. Quantas respostas podem surgir completando a frase “Eu sou aquele que...” e outras perguntas tantas que podemos ousar. Criando suas cartas, um universo novo ganhará voz e despertará para uma nova vida.

Eu tinha lançado algumas questões iniciais. Esse caminho me conduz às respostas que vinha buscando? Talvez amplifique ainda mais as minhas perguntas. “Como a infância atravessa o processo criativo na vida e na arte? Que infância é essa que não se limita a uma cronologia e memórias de um passado estático, mas que está sempre presente e em construção, aberta a possibilidades expressivas, à proliferação de sentidos e à criação de novos mundos? O que quer a infância que vive no adulto? ”.

Podemos reinventar nossas relações com a nossa própria infância? Esse caminho se alia à arte de desafiar enigmas. Através da Cartoteca podemos conhecer crianças enigmáticas que amplificam a infância que nos habita e podem alimentar nossa relação com a infância que povoa a nossa vida cotidiana, seja familiar, social ou profissional. A prática da leitura das cartas pode ser compartilhada coletivamente através de trocas em estado de escuta amorosa. Tomo esse ensaio como um marco nessa minha jornada, em que reúno experiências, memórias e projetos de criação. Pedrinhas que nos ajudam a peregrinar pela floresta e encontrar nossos medos, lobos, bruxas e monstros e transformá-los em aliados. “Suas dores podem ser joias”, me disse um dos meus Néters.

Chegamos a um novo ponto de partida. Agora é hora de botar em prática a caça aos tesouros no multiverso de imagens que nos circundam, a criação das cartas, as perguntas, as consultas, os convites para ir além do óbvio, corriqueiro e convencional e acolher nossa atração pelo estranho e inusitado ou mesmo pelo mais simples, leve, divertido e acolhedor. Um caminho no qual avanço como artista, escritora, pesquisadora, sonhadora, espécie de Alice, habitada por criacionismos alicedélico, enigmámicósmicos. Se as cartas são portas, são sonhos e são páginas também, já que como disse Mia Couto “Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descobertas do nosso olhar”...¹¹

11. In. “Quebrar armadilhas” intervenção de Mia Couto no Congresso de Leitura COLE, em Campinas/SP, no ano de 2007. A conferência foi publicada no livro de ensaios “E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções / Ensaios” (2009).

As sombras são



Quem são vocês?

Somos as escolhas difíceis e os desafios na encruzilhada, somos ponte para o abismo, somos guardiãs do limiar. Somos pérolas e lágrimas, para trilhar pesadelos que despertam na escuridão e sabem acender a luz.

O que você quer me mostrar?

Que mesmo quando caminhares nas sombras, não estarás sozinha.

Que presente você tem para mim?

Meias de coração.

O Guardiã da Floresta



Quem é você?

Eu sou o guardião do limiar da floresta. Nessa floresta existe um mistério. Eu sou o reencantamento do mundo em um portal para a terra do sempre.

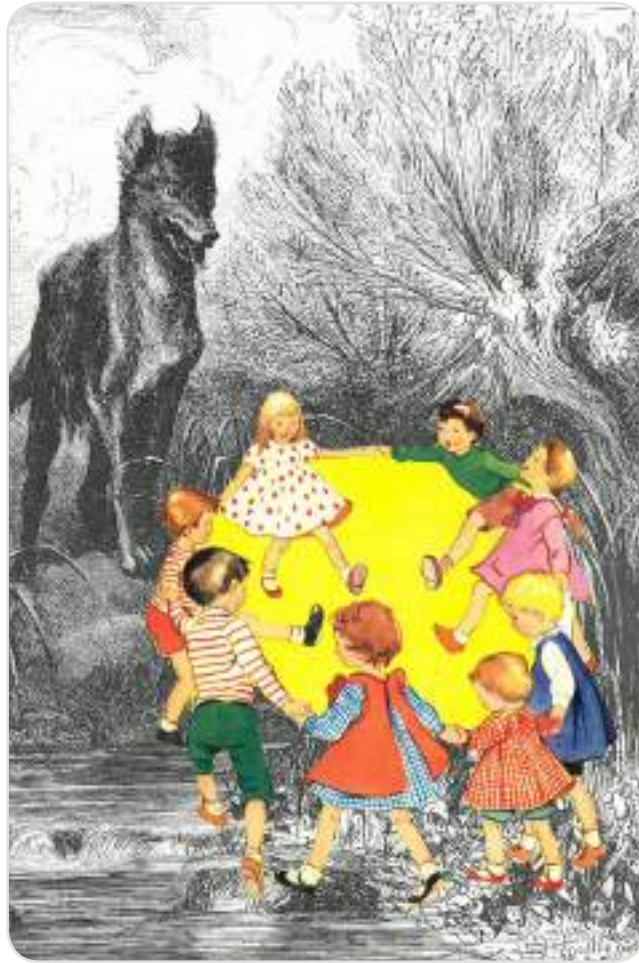
O que você quer me mostrar?

Olhe de novo para essa floresta, veja as frestas entre as árvores, as gradações de luz e sombra, os ritmos, a respiração da floresta. Busque encontrar as respostas aonde você menos espera e novos mundos irão se revelar.

Que presente você tem para mim?

Te dou uma nova ponta para o seu nariz, feita de madeira de floresta mágica.

Vitaminas da Alma



Quem são vocês?

Alegria, Fantasia, Curiosa, Amorosa, Preciosa, Brinquedo, Rubedo e Segredo. Somos 7 vitaminas da alma. Somos forças curativas.

O que você quer me mostrar?

Convide seu coração para dançar e cantar. Quem tem medo do bobo mau? Roda roda sem parar, até o lobo quer brincar.

Que presente você tem para mim?

Vitamenines.

Silência



Quem é você?

Criança dos sonhos, posso estar sonhando com você agora e você ao mesmo tempo sonhando comigo. Eu viajo mundos sem sair do lugar. Abraça-me uma música irresistível, será a música das esferas? Eu brinco com Urano, Netuno e Plutão como bolas de gude.

O que você quer me mostrar?

Novos mundos que nascem do silêncio e da solidude.

Que presente você tem para mim?

Um chapéu com anéis de Saturno.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMS, Jeremiah (org.) O Reencontro da criança interior. São Paulo: Cultrix, 1999.
- AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a Criança o Brinquedo a Educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BRETON, Manifestos do Surrealismo, Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.
- CARROLL, Lewis & GARDNER, Martin. The Annotated Alice - 150th Anniversary Deluxe Edition. W. W. Norton, 2015.
- CARROLL, Lewis & GARDNER, Martin. Alice: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CARROLL, Lewis. ALICE: Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. Edição comemorativa de 150 anos de Alice. Tradução de Maria Luiza Borges. Colagens de Adriana Peliano sobre ilustrações de John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- CARROLL, Lewis. Alice através do espelho (Cosac Naify por SESISP Editora) eBook Kindle. 2020
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos. Rio do Janeiro: Rocco, 1994.
- FROST, Seena B. SoulCollage® Evolving: An Intuitive Collage Process for Self-Discovery and Community. Santa Cruz, CA: Hanford Mead Publishers, 2017.
- GOLDMAN. Victoria Sears. Evolution of a Dream Child: Images of Alice and Changing Concepts of Childhood. Knight Letter No. 76, March 1, 2006
- LARROSA, Jorge. O enigma da infância. In: Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de educação. n. 19. 2002. pp. 20-28.

LEAL, Bernardina Maria de Souza. Chegar à infância. Niterói: EdUFF, 2011.

LISPECTOR, Clarice. Não entender. In: _____. A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 172.

MORAES, Eliane Robert. O Corpo Impossível. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MOSS, Robert. Dreaming the Soul Back Home: Shamanic Dreaming for Healing and Becoming Whole. New World Library, 2012.

PELIANO, Adriana. Alice em 7 Chaves. Belo Horizonte: A Mascote, 2020.

PEREIRA, João-Frayze. Max Ernst, o mais surrealista dos surrealistas. São Paulo: O Estado de São Paulo, 06/04/1991.

RANSOM, Jenifer. An Archetype of Transformation. Knight Letter. Volume II, Issue 6, Number 76, Spring 2006.

RIBEIRO, Sidarta. O Oráculo da Noite: A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus editorial, 1982

cartoteca da infância

Resumo

A *Cartoteca da infância e seus criacionismos enigmáticos* é um misto de baú de tesouros, jogo oracular, escrita em movimento, livro objeto, onde as imagens mudam de ordem, conversam entre si e falam conosco e através de nós, sobre o caleidoscópio que somos. A minha está guardada em uma frasqueira herdada da minha avó, perdida no tempo e irresistível, como alguns bolsos e esconderijos, crisálida, coisário e refúgio de segredos e encantamentos.

Essas cartas soltas são como páginas de um livro em processo, mapa em movimento de territórios subjetivos, um mergulho nos símbolos, arquétipos, personagens e paisagens que nos atravessam. Cada um cria a sua própria *Cartoteca*, um espelho mágico de possibilidades existenciais. Pelas artes da sincronicidade e da imaginação ativa as cartas respondem perguntas e trazem presentes simbólicos. Elas são fractais da alma e daquilo “que nos anima”.

A criação das cartas se dá através de colagens, uma metáfora para qualquer descoberta, já que com ela podemos unir fragmentos e tecer realidades. Essa é uma criação única e pessoal que pode ser realizada a partir do aparente caos de imagens que nos rodeia, assim como da nossa coleção preciosa de achados mágicos, mirabilias e memorabilias. Selecionando e combinando, deslocando e ressignificando, do lugar comum e das imagens prontas nascem novos mundos que emergem do desconhecido em nós.

No meu caminho de pesquisa e criação, fui reimaginando infâncias entre fragmentos, apropriações e deslocamentos em uma coleção de dezenas de imagens em folhas de papel impressas espalhadas sobre a minha mesa e a minha cama, mergulhando em sonhos dentro de sonhos. Em que territórios decidi viajar? Territórios da infância, minha infância e talvez a nossa, do passado, do futuro, do sempre e do agora mesmo, da memória e da experiência, da vida, do sonho, e do encontro amoroso entre o possível e o impossível.

A *Cartoteca da infância* é uma aplicação do método SoulCollage® que convida a todos a se tornarem artistas e exploradores da alma. A imaginação se une à intuição, a tesoura se alia à cola, as figuras se abrem para a viagem da descoberta e invenção. Depois de criadas, a cada consulta as cartas revelam novos sentidos, portanto a escrita pode ser em si mesma, fragmentada e estranha, verdadeira no contraditório, *enigmática*. Cada carta tem o seu próprio ritmo e energia.

Selecionei aqui algumas das cartas da minha *Cartoteca*, meus próprios *criacionismos*. A escrita que apresento partiu da expressão das próprias cartas através das nossas conversas, que transcrevi e fiz alguns ajustes. Por favor não vamos falar sobre o conteúdo das cartas ou dos textos. Estou mostrando algo íntimo. Esse é um convite para você conhecer um pouco do método. Podemos especular, evidentemente, sobre processos, conceitos e a experiência como um todo e suas possibilidades. Hoje sou também facilitadora do método.

Diante de cada carta, eu fiz três perguntas. Veja a seguir o que elas me responderam.

Folder para oficina de Cartoteca da infância.



Cartoteca da infância

A *cartoteca da infância* é uma oficina de colagem para adultos que propõe a criação de cartas que dão vida às crianças que habitam em nós. Podemos nos reinventar e alimentar a imaginação e a criatividade da nossa própria infância? Essa experiência busca a abertura de possibilidades de transformar a vida, acionando a magia dos nossos *criacionismos*. As imagens criadas se metamorfoseiam em combinações lúdicas, paisagens oníricas e encontros *enigmáticos*. Para a criação das cartas será utilizado o processo da SoulCollage®.

SoulCollage®

Este é um método de auto conhecimento e criação de textos e imagens desenvolvido no final da década de 80 pela teóloga e terapeuta norte americana Seena Frost. Uma de suas inspirações principais foi a obra de C. G. Jung. Segundo ela, com a SoulCollage® todos se tornam artistas e exploradores da própria alma. A imaginação se une à intuição, a tesoura se alia à cola, as figuras se abrem para o mundo dos sonhos.

Criando cartas através de colagens, gradualmente vamos criando um baralho pessoal, que é também um mapa de viagens interiores. Apropriando livremente de um vasto repertório de imagens, vamos nos reconhecendo e descobrindo recursos para enfrentar nossos desafios. As colagens da alma são imagens que proliferam sentidos misteriosos ativando um processo experiencial que tem como objetivo o acesso ao inconsciente e à sabedoria interior.

Como criar as suas cartas?

Trilha sonora



Use esse QR code em seu celular ou baixe a música no link:
https://soundcloud.com/alicedelic/cartoteca_da_infancia
Composição: Paulo Beto.

adriana peliano

Artista visual e facilitadora de SoulCollage®
contato: alicemaravilha@gmail.com
whatsapp 11 986442336

Material

- Imagens impressas em revistas, catálogos, postais, coleções, álbuns, memorabilias, retalhos visuais, curiosidades.
- Papel de presente liso ou estampado para o fundo das cartas.
- Tesoura e estilete.
- Cola bastão ou cola branca, o que você preferir.
- Cartas pré-cortadas em papelão paraná 13,5 x 20 cm.
- Uma moldura de papelão vazada no tamanho da carta.
- Saquinhos plásticos adesivados transparentes 14 x 20 cm.
- Régua e base de corte.
- Caderno para a criação de um *Sonhário*.

preparar

- Crie um espaço mágico e acolhedor.
- Inspire-se na infância, sejam suas memórias, sentimentos, conceitos, crianças conhecidas, personagens ficcionais, obras literárias, associações livres.
- Reúna imagens que remetam a esse universo. Podem ser imagens com crianças, mas não necessariamente. Não se preocupe com os direitos autorais das imagens utilizadas se seu objetivo não for comercializar nem divulgar publicamente, mas manter para consulta pessoal.
- Feche os olhos, respire fundo durante alguns minutos. A entrada no reino da imaginação pode ser conduzida por uma música ou meditação guiada. Experimente a trilha sonora disponível no QR Code no verso da página.

encontrar

Encontre imagens impressas que sejam misteriosas e poderosas para você e que possam ser recordadas. Se deixe afetar e escolha as imagens para a colagem evitando julgamentos estéticos ou interpretações. Para continuar criando suas cartas é interessante criar um acervo pessoal. Esta é uma verdadeira caça ao tesouro.

criar

- Escolha na coleção de imagens disponíveis, uma imagem central que será o Néter, a energia principal da sua carta.
- Procure outra imagem para o fundo ou outras figuras extras, evitando excessos. Crie associações e teste fundos que produzam novos sentidos no encontro com outras imagens.
- Trabalhe intuitivamente e sem expectativas. Tente manter sua mente analítica adormecida.
- Fique em silêncio e deixe as imagens escolherem você. Teste, misture, se desafie. Quanto mais livre você se sentir para combinar as imagens de formas inesperadas, mais mágico será o caminho de criar suas cartas.

perguntar

Depois de concluída a sua carta, começa o processo surpreendente de dar voz às imagens. Cada carta fala com você e através de você, o que é diferente de analisar ou explicar a imagem. Olhe atentamente para a carta e faça perguntas. Depois responda você mesmo pela imagem falando em primeira pessoa.

É importante ouvir a mensagem através da voz, depois passe para o exercício da escrita. Durante a leitura, mensagens secretas vão aparecer. Não se esqueça de nomear, dar um título para suas cartas.

Quando a carta estiver pronta faça perguntar e responda por ela como um diálogo.

- Quem é você?
- O que você quer me mostrar?
- Que presente você tem para mim?

consultar

Depois de ter criado algumas cartas você já pode consultá-las. As cartas poderão dar ideias, sugestões sobre desafios na vida e abrir caminhos no seu processo criativo. As pessoas costumam receber respostas surpreendentes.

- Escreva a sua pergunta.
- Coloque quatro cartas de cabeça para baixo.
- Vire-as de cabeça para cima e faça a pergunta para cada carta.
- Se possível registre as mensagens no *Sonhário da Cartoteca*, um diário onde você registra as perguntas e respostas.

vamos lá?

cartoteca da infância



Oficina de SoulCollage®

adriana ♥ peliano

cartoteca da infância

A *cartoteca da infância* é uma oficina de colagem para adultos que propõe a criação de cartas que dão vida às crianças que habitam em nós. Podemos nos reinventar e alimentar a imaginação e a criatividade da nossa própria infância? Essa experiência busca a abertura de possibilidades de transformar a vida, acionando a magia dos nossos *criancionismos*. As imagens criadas se metamorfoseiam em combinações lúdicas, paisagens oníricas e encontros *enigmáticos*. Para a criação das cartas será utilizado o processo da SoulCollage®.

SoulCollage®

Este é um método de auto conhecimento e criação de textos e imagens desenvolvido no final da década de 80 pela teóloga e terapeuta norte americana Seena Frost. Uma de suas inspirações principais foi a obra de C. G. Jung. Segundo ela, com a SoulCollage® todos se tornam artistas e exploradores da própria alma. A imaginação se une à intuição, a tesoura se alia à cola, as figuras se abrem para o mundo dos sonhos.

Criando cartas através de colagens, gradualmente vamos criando um baralho pessoal, que é também um mapa de viagens interiores. Apropriando livremente de um vasto repertório de imagens, vamos nos reconhecendo e descobrindo recursos para enfrentar nossos desafios. As colagens da alma são imagens que proliferam sentidos misteriosos ativando um processo experiencial que tem como objetivo o acesso ao inconsciente e à sabedoria interior.

como criar as suas cartas?

trilha sonhora



Use esse QR code em seu celular ou baixe a música no link:

https://soundcloud.com/alicedelic/cartoteca_da_infancia

Composição: Paulo Beto.










adriana & peliano

Artista visual e facilitadora de SoulCollage®





contato: alicemaravilha@gmail.com

whatsapp 11 986442336

material

-  Imagens impressas em revistas, catálogos, postais, coleções, álbuns, memorabilias, retalhos visuais, curiosidades.
-  Papel de presente liso ou estampado para o fundo das cartas.
-  Tesoura e estilete.
-  Cola bastão ou cola branca, o que você preferir.
-  Cartas pré-cortadas em papelão paraná 13,5 x 20 cm.
-  Uma moldura de papelão vazada no tamanho da carta.
-  Saquinhos plásticos adesivados transparentes 14 x 20 cm.
-  Régua e base de corte.
-  Caderno para a criação de um *Sonhário*.

preparar

-  Crie um espaço mágico e acolhedor.
-  Inspire-se na infância, sejam suas memórias, sentimentos, conceitos, crianças conhecidas, personagens ficcionais, obras literárias, associações livres.
-  Reúna imagens que remetam a esse universo. Podem ser imagens com crianças, mas não necessariamente. Não se preocupe com os direitos autorais das imagens utilizadas se seu objetivo não for comercializar nem divulgar publicamente, mas manter para consulta pessoal.
-  Feche os olhos, respire fundo durante alguns minutos. A entrada no reino da imaginação pode ser conduzida por uma música ou meditação guiada. Experimente a trilha sonhora disponível no QR Code no verso da página.

encontrar

Encontre imagens impressas que sejam misteriosas e poderosas para você e que possam ser recortadas. Se deixe afetar e escolha as imagens para a colagem evitando julgamentos estéticos ou interpretações. Para continuar criando suas cartas é interessante criar um acervo pessoal. Esta é uma verdadeira caça ao tesouro.

criar



Eleja na coleção de imagens disponíveis, uma imagem central que será o Néter, a energia principal da sua carta.



Procure outra imagem para o fundo ou outras figuras extras, evitando excessos. Crie associações e teste fundos que produzam novos sentidos no encontro com outras imagens.



Trabalhe intuitivamente e sem expectativas. Tente manter sua mente analítica adormecida.



Fique em silêncio e deixe as imagens escolherem você. Teste, misture, se desafie. Quanto mais livre você se sentir para combinar as imagens de formas inesperadas, mais mágico será o caminho de criar suas cartas.

perguntar



Depois de concluída a sua carta, começa o processo surpreendente de dar voz às imagens. Cada carta fala com você e através de você, o que é diferente de analisar ou explicar a imagem. Olhe atentamente para a carta e faça perguntas. Depois responda você mesmo pela imagem falando em primeira pessoa.



É importante ouvir a mensagem através da voz, depois passe para o exercício da escrita. Durante a leitura, mensagens secretas vão aparecer. Não se esqueça de nomear, dar um título para suas cartas.

Quando a carta estiver pronta faça perguntar e responda por ela como um diálogo.



Quem é você?



O que você quer me mostrar?



Que presente você tem para mim?



consultar

Depois de ter criado algumas cartas você já pode consultá-las. As cartas poderão dar ideias, sugestões sobre desafios na vida e abrir caminhos no seu processo criativo. As pessoas costumam receber respostas surpreendentes.



Escreva a sua pergunta.



Coloque quatro cartas de cabeça para baixo.




Vire-as de cabeça para cima e faça a pergunta para cada carta.



Se possível registre as mensagens no *Sonhário da Cartoteca*, um diário onde você registra as perguntas e respostas.



vamos lá?



" Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento...
pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã,
mas acho que já me transformei várias vezes desde então." Alice